

“DIZENDO OLÁ NOVAMENTE”: A PRESENÇA DE MICHAEL WHITE ENTRE NÓS, TERAPEUTAS FAMILIARES*

“SAYING HULLO AGAIN”: THE PRESENCE OF MICHAEL WHITE AMONG US FAMILY THERAPISTS

RESUMO: Escrevi este artigo sob o impacto da perda inesperada do grande terapeuta e criador das práticas de terapia narrativa – Michael White – em abril de 2008. Para lidar com o luto pela perda de uma pessoa querida e fonte de inspiração de meu trabalho, propus-me a revisitar a sua produção numa espécie de ritual de reassociação de sua presença. (*re-memebering conversations*). Inspirada na leitura de suas obras, especialmente a publicada no último ano (WHITE, 2007), optei por seguir o fluxo de suas ideias a partir dos interlocutores, com os quais ele definiu seus conceitos e desenvolveu sua prática. Assim, o artigo passa especialmente pelo diálogo de Michael White com as obras de Bateson, Foucault, Derrida, Bruner, Vygotsky, Bachelard e Barbara Myerhoff. Trata-se de um recorte parcial para um terapeuta que não teve fronteiras disciplinares nem temporais para escolher seus parceiros de diálogo. Contudo, espero contribuir para manter vivo o fluxo das ideias, princípios, crenças e valores que orientaram o trabalho desse terapeuta que continuará sempre vivo para aqueles que acreditam na autoria das pessoas para transformar suas próprias vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia narrativa; pós-estruturalismo; reautoria; conversações; agência.

ABSTRACT: I wrote this article under the impact of the unexpected loss of this great therapist and creator of the narrative therapy practice – Michael White – in April of 2008. In order to deal with the loss of a such sweetheart person and the inspiration to my work I proposed myself to revisit Michael's White work in a sort of ritual, remembering his presence. Inspired on his literature, specially the one publicized last year (WHITE, 2007), I made a choice to follow Michael White's thread of thoughts starting from his interlocutors with whom he defined his concepts and developed his practice. Therefore, this article goes specially through Michael White's dialogue with the work of Bateson, Foucault, Derrida, Bruner, Vygotsky, Bachelard and Barbara Myerhoff. It's a small picture of a therapist who had neither disciplinarians nor temporal frontiers when choosing his partners in a dialogue. However, I hope to contribute to keep alive ideas, principles, beliefs and values that guide the job of a therapist who will be alive to those who do believe in the possibility of people being able to change their own lives.

KEYWORDS: Narrative therapy; Post-structuralism; re-authority; conversations; agency.

MARILENE GRANDESSO

Doutora em Psicologia Clínica; Professora e supervisora do curso de Terapia Familiar e de Casal do NUFAC-PUC-SP; fundadora e coordenadora do INTERFACI – Polo formador em Terapia Comunitária; Coordenadora do I Certificado Internacional em práticas colaborativas junto com o Houston Galveston Institute; Coordenadora de formação em Terapia Narrativa pelo INTERFACI.

E-mail: mgrandesso@uol.com.br

No início de abril de 2008, todo o universo da terapia familiar e comunitária foi surpreendido pela arrebatadora notícia da perda de Michael White, de forma abrupta e inesperada. A perplexidade e imenso pesar causados por essa notícia deveu-se não apenas à quebra da continuidade da existência física de uma referência inigualável para a terapia familiar e trabalho comunitário, mas pela inconsolável e prematura perda de uma pessoa em franca atividade e cheia de projetos, que se preparava inclusive para estar aqui no Brasil em agosto de 2008. Michael White foi e será sempre um dos terapeutas mais criativos, como jamais conheceremos, e de uma imensa sensibilidade para a dor humana. Uma pessoa que fazia de sua prática uma luta constante contra todo tipo de discriminação, dominação, injustiça, desigualdades sociais e práticas de subjogação das identidades e vidas que pudessem ferir a dignidade e os direitos de qualquer ser humano. Daí

* Este capítulo é uma reedição modificada do artigo do mesmo nome publicado na *Revista Brasileira de Terapia Familiar* - V. 1, n.1, janeiro/junho de 2008.

o terapeuta narrativo, de acordo com a abordagem desenvolvida por Michael White, poder ser considerado uma espécie de ativista sociopolítico (Monk & Gehart, 2003), que expõe as práticas culturais que produzem narrativas dominantes e opressivas para as identidades e vidas.

O título deste artigo foi escolhido ainda sob o impacto da emoção e do imenso pesar por esta perda que, difícil de acreditar, em vários momentos julguei não ser verdade. O próprio trabalho de Michael White em situações de perda e luto ofereceu-me o consolo e a inspiração para dar nome a esse artigo. Dentre as inúmeras contribuições ao campo da terapia, um dos trabalhos mais bonitos e comoventes de Michael White é conhecido por “*Dizendo olá novamente*” (White, 1988), justamente desenvolvido para pessoas que não se conformavam em seguir sua vida depois da perda de alguém muito especial. Trata-se de uma forma particular para se lidar com o luto, desenvolvida com pessoas que passavam por intenso e implacável sofrimento pela perda de um ente querido. Tradicionalmente tratadas como sofrendo de luto tardio ou luto patológico, essas pessoas eram trabalhadas de acordo com ideias normativas para poder dizer adeus, aceitar e deixar ir a pessoa que morreu. Michael White, sensibilizado pelo intenso sofrimento dessas pessoas, compreendia que elas haviam perdido muito, não somente o ente querido, mas uma parte substancial de seu próprio sentido de identidade. Ouvir as histórias delas era ouvir histórias de dor nas quais os relatos espontâneos organizavam, em narrativas, a falta de sentido da vida sem a pessoa querida e sentimentos de desespero e vazio. Para ele, qualquer tentativa de lidar com o luto – de acordo com algum modelo normativo, organizado, por exemplo,

em estágios previsíveis em torno da metáfora do dizer adeus – só faria exacerbar tais sentimentos, complicando ainda mais a situação. Assim, Michael White, diferentemente, optou por reincorporar o relacionamento perdido *dizendo olá novamente*, em vez de dizer adeus. Tal orientação levou-o a formular perguntas abrindo possibilidades para as pessoas enlutadas recuperarem seus relacionamentos com a pessoa perdida. Sua intenção era criar um contexto de conversação em que a pessoa enlutada pudesse se reposicionar em relação à morte da pessoa querida e, em decorrência, obter o alívio tão esperado. Esse trabalho com o luto, envolvente e emocionante, conduziu ao que Michael White denominou conversações de re-associação (re-membering)*, inspirado no trabalho da antropóloga cultural Barbara Myerhoff. As ideias norteadoras dessas conversações estruturavam-se em torno da compreensão da vida como se fosse um clube, tendo em seu quadro de membros aqueles que fazem parte das histórias significativas de vida da pessoa em questão, sejam elas vivas ou mortas, presenças físicas ou virtuais. Enfim, os membros do clube da vida de uma pessoa são aqueles cujas vozes são influentes para a forma como a pessoa constrói sua identidade. Assim, pelas conversações de reassociação, Michael White contribuiu para trazer para perto a pessoa que morreu através dos relatos das histórias vividas, construindo a importância dessa presença e de suas contribuições para a vida da pessoa e seu sentido de identidade.

O propósito deste artigo, inspirado no trabalho de White (1988), é poder dizer “olá novamente” para esse grande, querido e inesquecível terapeuta, revisitando suas ideias e sua obra. Trazer para perto, reassociar, ressaltar a importância de suas ideias na for-

* Optei por traduzir a expressão *re-membering*, cunhada por Barbara Myerhoff, por reassociar em vez de lembrar, pois me pareceu fazer mais sentido para nossa cultura. A expressão, organizada pela metáfora da vida como se fosse um clube, transporta a ideia de tornar alguém membro novamente no ‘clube da vida’ da pessoa, daí ser muitas vezes traduzida por lembrar. Considero que reassociar, ou mesmo reintegrar, como tem sido referido em traduções para o espanhol, são mais próximas de nossa cultura lingüística e contemplam o sentido que Michael White atribui à expressão *re-membering*.

mação de nossa identidade pessoal e profissional como terapeutas familiares e trabalhadores comunitários pode ser um caminho de conforto e consolo num momento de tristeza e dor. Para fazer frente a este objetivo, optei por rever a obra de Michael White à qual tenho acesso, recolhendo suas principais ideias e influências e organizando num arcabouço compreensível a prática da terapia narrativa, conforme posso compreendê-la. Parte desse trabalho já foi feito por Michael White em vida, quando publicou em 2007 seu último livro, *Maps of narrative practice* (White, 2007). Nesse livro, Michael revisita seu próprio trabalho ao longo de mais de 20 anos – retoma conceitos, realinha práticas – e nos presenteia com uma obra que, além do inestimável valor, introduz aos bastidores da gênese de suas ideias aqueles que se interessam ou se dedicam à prática narrativa.

FUNDAMENTOS DA PRÁTICA NARRATIVA: TERAPIA E TRABALHO COMUNITÁRIO

A relação entre teoria, prática e pessoa do terapeuta é tão íntima e tão interdependente que fica difícil, e mesmo sem sentido, pensar em separá-las ou colocá-las numa ordem de fatores. Como é familiar para nós terapeutas, acostumados com o pensamento sistêmico, sequência é uma mera questão de pontuação, dependendo do olhar do observador. Assim, para falar em fundamentos da prática narrativa desenvolvida por Michael White, vali-me das referências presentes, enquanto ideias, ideologias e conceitos, conforme apresentadas por ele. Além disso, li também as entrelinhas das histórias que permeiam sua obra em busca da pessoa de Michael White, que incorporava as ideias e desenvolvia sua prática.

Para efeito desse trabalho, optei por seguir a obra de Michael White com aqueles que foram os seus interlocutores, tanto para questões teórico-conceituais como para o desenvolvimento das práticas narrativas. Cumpre ressaltar que este trabalho tem um recorte muito particular e assumidamente restrito diante da grandiosidade de interlocuções de Michael White com tantos autores, pensadores, terapeutas, pessoas e comunidades por onde transitou, que o constituíram como o ser humano sensível e o terapeuta competente, criativo e arrojado que foi. Optei por destacar alguns autores especiais de acordo com meu entendimento, e reconheço que outros poderiam ter sido incluídos. Contudo, entendo que os que aqui incluí deveriam necessariamente fazer parte de qualquer texto que visasse abordar o autor e terapeuta Michael White e sua prática, especialmente por estarem direta ou indiretamente associados a alguma das práticas narrativas.

Principais influências

Voltando à década de 1970, encontramos um jovem terapeuta envolvido em fazer uma leitura própria das ideias dos criadores da terapia familiar, especialmente as de Bateson nos trabalhos com as famílias. Já nesse tempo, Michael White demonstrava um interesse especial pela filosofia da ciência no que se referia ao processamento do fenômeno da revolução científica dentro da comunidade científica. Sua atenção especial voltava-se para as transformações radicais nos sistemas sociais, conforme um paradigma era abandonado e substituído por outro (White, 1995). Sempre interessado em expandir sua compreensão para além dos limites de sua profissão, Michael White

transitou por distintos territórios. Das lentes para compreender famílias, pessoas e relações presentes nos diferentes modelos de terapia, Michael White envolveu-se na teoria feminista, teoria literária, antropologia cultural e teoria crítica, apropriando-se e construindo metáforas que lhe permitiram novas maneiras de pensar sobre a prática da terapia. Tais incursões por estes outros territórios conceituais e disciplinares serviram para ampliar seu olhar, refletir mais criticamente sobre a disciplina da terapia familiar e questionar as metanarrativas, o universal e dado por certo, em detrimento do conhecimento local (White, 1995).

As ideias de Bateson e a prática narrativa

A importância central colocada sobre o relato – ou seja, sobre a narrativa – pode ser atribuída a afinidade de Michael White com as ideias de Bateson, que lhe ofereceram uma espécie de epistemologia e de hermenêutica para compreender o mundo. Michael White aprendeu com ele que, dado que não se pode conhecer a realidade objetiva, todo conhecimento pode ser compreendido como um ato de interpretação (White & Epston, 1990).

O questionamento da causalidade linear e a tão familiar presença nos contextos da terapia sistêmica da máxima de Alfred Korzybski, difundida por Bateson, “o mapa não é o território”, fazem-se presentes nos fundamentos da prática narrativa no que se refere à maneira de compreender a experiência. Assim, para Michael, os significados que são atribuídos aos acontecimentos da vida, construídos continuamente ao longo da existência, decorrem dos mapas de mundo que a própria pessoa elabora. A forma como

um acontecimento encaixa-se nos mapas de mundo – ou seja, nas pautas já conhecidas pela pessoa no contexto da experiência vivida – determina a sua compreensão. Da mesma forma, um acontecimento que não se encaixa nos mapas já construídos pela pessoa acaba não tendo existência para ela. White também atribui à presença de Bateson, nas suas ideias e prática, a importância dada à dimensão de tempo. Bateson (especialmente em 1972 e 1979) considerava que a informação decorre da percepção de uma diferença, e que a diferença desencadeia novas respostas nos sistemas vivos. Contudo, para que uma diferença seja percebida e para a compreensão da mudança, faz-se necessário situar os eventos no tempo. Michael White construiu uma semelhança entre a noção de mapa e a de narrativa, ressaltando a importância da dimensão temporal na organização dos relatos em sequências de eventos no tempo.

No que se refere à terapia, ao adotar este método interpretativo de Bateson, Michael White desenvolveu a compreensão de que os problemas vividos pelas pessoas decorrem da forma como atribuem significado aos fatos da vida, e não de uma suposta disfunção familiar ou estrutura problemática. Assim, sua atenção concentrou-se mais na maneira como as pessoas organizam sua vida em torno dos significados que atribuem à experiência. Compreendia que tais significados determinam a sobrevivência e a “carreira” dos problemas nas suas vidas, ou seja, sua forma de agir, pensar e sentir sobre suas identidades e relações.

Tais conceitos estão vividamente presentes nas conversações externalizadoras, quando Michael explora a influência do problema na vida das pessoas, na visão de si mesmas, nos seus relacionamentos e perspectivas

de futuro. O mapa das conversações externalizadoras, proposto por Michael (White, 2007), apresenta um desdobramento dessa presença de Bateson na forma de busca, através de perguntas sobre os efeitos das atividades do problema na vida da pessoa e sobre a sua avaliação desses efeitos. Michael White propôs as conversações externalizadoras como uma forma de ajudar as pessoas a separarem-se das descrições de suas vidas e relações "saturadas pelo problema". A crença norteadora que sustenta essa prática é que a pessoa é a pessoa e o problema é o problema (White, 1984; 1986a; 1986b; 1986c; 1987; White & Epston, 1990). Da mesma forma, nas conversações de reautoria que contribuem para a mudança terapêutica através da construção de novas narrativas a partir de linhas de histórias alternativas subordinadas, Michael convida o terapeuta a desenvolver seu questionamento nos cenários da ação (eventos, circunstâncias, sequência, tempo e enredo) e no cenário da identidade (compreensões intencionais, compreensões sobre o que é dado como valor, realizações, aprendizagens e compromissos), de modo a favorecer a percepção de diferenças que façam diferença no resgate feito pela pessoa dos "domínios" que o problema exerce sobre sua identidade e vida.

A presença de Michel Foucault

Uma das principais influências sobre os fundamentos e a prática narrativa de Michael White tem origem nas ideias de Michel Foucault, especialmente sobre o conhecimento e as "práticas de poder" no que se refere à constituição do sujeito moderno através do controle social (White, 1991). Inspirado nesse historiador dos sistemas

de pensamento, Michael White passou a compreender os dilemas humanos a partir das práticas de subjugação das identidades e das vidas pelo processo de internalização dos discursos sociais dominantes e estigmatizadores, que constroem narrativas sobre "verdades" organizadas por conhecimentos globais e unitários e julgamento normatizador. Práticas de dividir e classificar as pessoas por atributos desqualificadores; práticas de objetivação ou coisificação dos corpos como portadores de desordens, defeitos e perturbações, e práticas de julgamento normatizador decorrentes das disciplinas profissionais são apresentadas por Foucault como mecanismos de controle social e docilização dos corpos.

Tais ideias se fazem presentes na prática narrativa de Michael White como uma espécie de paradigma para compreender os problemas que as pessoas vivem e as restritas possibilidades existenciais que constroem. Na sua sensibilidade para questões de desigualdade social, Michael White entende que conhecimento e poder são tão inseparáveis, a ponto de um âmbito de poder ser também um âmbito de conhecimento, e um de conhecimento constituir-se como um âmbito de poder. Daí decorreu em Michael White definir a prática da terapia como uma atividade política, convidando o terapeuta a questionar suas compreensões e suas técnicas, uma vez que elas podem inadvertidamente submeter às pessoas a uma ideologia dominante (White & Epston, 1990). Pode-se compreender que, no seu trabalho, Michael White considera os discursos como aquários aparentemente transparentes que encerram as pessoas sem que possam se dar conta que estão nesses aquários e de como são eles. As narrativas sobre as pessoas e suas vidas tendem a tornarem-se absolutas, per-

dendo a dimensão de sua construção social nos contextos das relações.

No livro *Narrative means to therapeutic ends* (White & Epston, 1990), o primeiro a descrever o que veio a ser conhecido como terapia narrativa, é possível perceber detalhadamente a presença de Foucault na postura sociopolítica de Michael White como terapeuta. A prática das conversações externalizadoras é compreendida, dentro desse contexto ideológico, como uma forma de ajudar as pessoas a identificarem os conhecimentos unitários e os discursos de “verdade” a que se submeteram ao construir estreitas visões de suas identidades e ralas histórias da experiência vivida. Em relação às práticas culturais que objetivam as identidades das pessoas, as conversações externalizadoras podem ser consideradas uma contra-prática: em vez de objetivarem as pessoas definindo-as e classificando-as como problemáticas, objetivam os problemas (White, 2007). Conforme já o apresentei, os problemas são os problemas, não as pessoas.

Assim, entendida como uma prática informada pelo pensamento pós-estruturalista, a terapia narrativa questiona os discursos dominantes de nossa cultura – impregnados de ideias preconcebidas e geralmente aceitas sobre identidades, relacionamentos e vidas – e as grandes narrativas que traçam um perfil de “natureza humana”. Sua prática testemunha uma atenção especial à política de gênero, denunciando e desafiando a dominação masculina na sociedade contemporânea. Michael conecta esses seus princípios e valores à sua própria história de ter crescido e vivido numa cultura masculina e testemunhado abusos de poder de homens sobre pessoas que lhe eram muito queridas (White, 1995). Ao proceder assim com um posiciona-

mento ético e politicamente articulado contra as injustiças sociais, o terapeuta narrativo desenvolve um contexto conversacional para considerar aspectos negligenciados da experiência que favoreçam a ampliação do olhar e a compreensão sobre as vidas e relações das pessoas que procuram por terapia (White, 1997).

As ideias de Jacques Derrida

Uma das particularidades das práticas narrativas diz respeito ao ouvir do terapeuta, ou seja, o que é que o terapeuta escuta quando ouve o que as pessoas que o procuram dizem o que dizem. Nesse sentido, Drewery & Winslade (1997) consideram que, diferentemente da postura do terapeuta de orientação Rogeriana – cuja escuta ativa tem por intenção refletir a história do cliente como uma espécie de espelho sem distorção –, o terapeuta narrativo procura por significados não necessariamente explicitamente manifestos, mas presentes nos espaços ou lacunas e contradições nas histórias narradas. Trata-se de uma escuta para além do que é dito, ou seja, para o não dito, ausente mas implícito naquilo que é narrado. Tal escuta do terapeuta narrativo está a serviço da compreensão dos significados da vida das pessoas que atende e da desconstrução das histórias e conceitos de conformidade pelos quais elas organizam as estreitas e dominantes narrativas sobre suas vidas e relacionamentos.

Se, por um lado, é possível fazer um paralelo entre essa prática de escuta com as ideias aqui já consideradas de Foucault, podemos também compreender aí a presença dos conceitos do filósofo francês Jacques Derrida, no que se refere à desconstrução dos textos. De acordo com o que o próprio

Michael White considera nessa aproximação, Derrida desenvolveu métodos desconstrutivos que visavam subverter textos e opor-se aos privilégios de conhecimentos específicos. Segundo sua compreensão, para que uma palavra possa ter sentido, devemos poder distinguir o significado que veicula daquilo que ela não é. É como se o significado derivasse de uma oposição entre o que está sendo compreendido – ou seja, aquilo que a palavra quer dizer – daquilo que ela não é. Assim, todo significado positivo traz juntamente com seu entendimento, a compreensão de seus opositores, daquilo que ele não é, de tal modo que, para construir significados, devemos ser capazes de perceber uma diferença. Para isso, Derrida busca revelar as contradições ocultas nos textos, tornando visíveis os significados reprimidos, ausentes, mas implícitos. Além disso, Derrida ressalta os conhecimentos secundários, derivados e sem valor, que vêm junto com o que se apresenta como principal. Assim, é possível compreender, de acordo com essas ideias, que todo dito remete a um não dito (Grandesso, 2001 1ª. ed.; 2007 2ª. ed.; 2011 3ª. ed.). Ou seja, o significado de uma palavra ou frase é contingente às palavras e frases que a circundam. Dito de outra forma: para construir o sentido de alguma coisa, precisamos estabelecer diferença entre essa coisa e outras coisas de seu contexto.

Michael White, ao transportar tais ideias para a prática da terapia, considera que "[...]para expressar uma experiência da vida, as pessoas devem distinguir essa experiência de outras experiências contrastantes que a circundam" (White, 2007, p. 210). Assim, se uma pessoa expressa desespero, isso significa que deve ter construído esse significado a partir de um outro significado contrastante, no caso de expe-

riências de esperança; se uma pessoa relata experiências de dor, isso indica que tem presente na sua história experiências de coisas que lhe são preciosas e que foram violadas de alguma forma. Nas conversações sobre o ausente mas implícito, significados marginalizados nas histórias narradas, porém implicados nas linhas das narrativas subordinadas, podem se tornar visíveis. Ao ouvirmos um relato sobre um problema, por exemplo, podemos, enquanto terapeutas, nos perguntar por possíveis significados subjugados pela narrativa dominante manifesta. Também podemos nos perguntar como esses significados ausentes, mas implícitos, se conectam com as histórias preferidas, e como podemos favorecer para que sejam narradas (Carey, 2009). Essas autoras ressaltam nessa postura o que Michael White referiu-se como sendo uma "escuta dupla", importante postura do terapeuta para abrir uma vasta gama de possibilidades a serem exploradas.

Incorporadas ao trabalho de Michael White, essas ideias levaram-no a convidar os terapeutas narrativos a fazerem perguntas voltadas para o não dito, implícito nos relatos das pessoas. Nas práticas de conversação em torno do ausente mas implícito, inspirando-se nas ideias de Derrida, Michael White compreende que os significados que atribuímos aos acontecimentos da vida deriva de como "os lemos" (usando a analogia dos acontecimentos da vida como se fossem textos) e também de como fazemos as distinções entre o que nos é apresentado como significados privilegiados e o que é deixado de fora, entendido como significados subjugados (Carey, 2009). A prática do ausente, mas implícito convida-nos a perguntar pelos sonhos pessoais, valores, expectativas, aprendizados, compreensões intencionais, compro-

missos, que se inserem no cenário da identidade, especialmente nas conversações de reautoria. Também explora tal conceito no uso das testemunhas externas. Por exemplo, quando Michael White convida pessoas para participarem dos encontros terapêuticos como testemunhas externas, o relato dessas testemunhas transporta significados que podem ser expandidos na direção da construção de histórias mais ricas, ao perguntarmos pelas experiências contrastantes implícitas naquilo que as testemunhas destacam como os pontos que mais lhes foram significativos no que ouviram. A partir do relato sobre a história ouvida, é possível perguntar para a testemunha externa qual o seu entendimento sobre o que está sendo dado como um valor para a pessoa que narrou a história, ou quais as crenças que parecem ser importantes para ela, que coisas podem ser significativas na vida dessa pessoa. Enfim, estendendo o relato do dito para o que pode estar sendo dito sem ter sido dito, o terapeuta narrativo contribui para abrir histórias empacotadas, enriquecer histórias estreitas e ralas, buscando significados não só nas lacunas e contradições, bem como no contraste do dito com o seu entorno e não dito, de modo que as histórias possam ganhar complexidade, tornando-se mais ricas e favorecer outras possibilidades de organização da vida e das perspectivas de futuro.

Portanto, essas ideias de Derrida são úteis para um terapeuta narrativo na escuta que faz daquilo que é dito pelas pessoas que atende, orientando-o para formular perguntas inusuais buscando pelo ausente, mas implícito. Algumas histórias que ouvimos só podem fazer um sentido quando perguntamos pelas suposições básicas que constroem seu entendimento. Nós podemos ouvir não apenas o que está sendo dito, mas

também o que não está sendo dito, ou o que está sendo dito sem ser dito, perguntando-nos enquanto terapeutas: “Esta história está sendo contada em distinção a quê?” (Drewery & Winslade, 1997, p. 44). Quando ouvimos os relatos das histórias vividas, podemos sempre perguntar pelas suposições básicas não nomeadas que dão sentido àquela história. Contudo, cumpre destacar que essa busca do terapeuta não se trata de um ato de interpretação do que está oculto no relato, mas de uma paciente e arqueológica incursão no mundo da pessoa através das perguntas do terapeuta, especialmente sobre o panorama da identidade.

A presença de Jerome Bruner

As ideias e os conceitos de Jerome Bruner são transversais à prática narrativa de Michael White. Ao adotar a metáfora narrativa para organizar sua abordagem, Michael White passou a transitar pelo território da construção e atribuição de sentido aos textos literários como um recurso para compreender os relatos de vida e de identidade pelos quais as pessoas constroem e dão significado à sua experiência. Assim como Bruner afirma que um texto de mérito literário apresenta uma indeterminação, estando sempre aberto a um espectro de atualizações, uma história sobre a experiência vivida também se apresenta sempre aberta a mudanças e reformulações. Toda história narrada apresenta lacunas e contradições, que convidam as pessoas envolvidas em conversação a procurar preenchê-las e a dar-lhes um sentido. Na terapia narrativa que Michael White considera de mérito literário, cada história está sujeita a novas versões, conforme aspectos não-historiados se apresentem à história

dominante, justapondo-se, contrapondo-se, ou simplesmente ganhando evidência, enquanto outros aspectos até então dominantes se esvaecem ou desaparecem. Assim sendo, na terapia narrativa, a analogia do texto propõe que, ao reescrever seus relatos, a cada nova versão, a pessoa reescreve sua vida, numa espécie de reautoria de sua autobiografia. De acordo com Bruner (1998, orig. 1986), o modo narrativo não produz certezas, mas perspectivas em mudança, prevalecendo na sua construção o modo subjuntivo e não o indicativo. Assim, uma boa história, ou seja, uma história com um valor literário é aquela que apresenta no seu texto certos mecanismos que o tornam indeterminado, convidando o leitor à representação de significados através do texto.

Michael White acredita que as pessoas geralmente atribuem significado às experiências vividas, convertendo-as em relatos, e que esses relatos, histórias sobre o vivido, dão forma às suas vidas e relações. Além disso, da mesma forma que os textos literários descritos por Bruner, as narrativas sobre a vida se apresentam sempre em aberto, transitando entre o conhecido e o possível de conhecer, conforme novos relatos sejam desenvolvidos a partir de novos prismas ou perspectivas para um mesmo enredo. Michael White considera que a maioria de nossas conversações – sejam elas com outras pessoas presentes, virtuais ou conosco mesmos – ajustam-se às estruturas básicas de um relato, apresentando um desenvolvimento, uma trama e um desenlace. Para ele vivemos nossas vidas através das histórias, as que nós mesmos contamos, as que ouvimos contar, as que imaginamos, as que sonhamos ou gostaríamos de contar. As histórias constroem o relato de nossa vida e estão sempre inconclusas.

A presença de Bruner na prática narrativa de Michael White pode também ser compreendida na forma como Michael se refere à construção das histórias alternativas que vêm substituir as histórias dominantes saturadas de problemas. De acordo com o enfoque narrativo, o processo de busca de novos significados, numa ação colaborativa entre o terapeuta e a família, faz surgir novas possibilidades de relatos que colocam em xeque a história dominante. Os relatos alternativos, embora surjam a partir da exploração da história dominante, derivam-se do descobrimento de contradições, exceções, “acontecimentos únicos”, que contradizem a história dominante ou não se encaixam no seu enredo, como se fossem anomalias que ficam sem sentido no relato dominante. Essa ausência de sentido convida a uma nova reescritura, abrindo uma perspectiva diferente para descrever as identidades, relações e formas de vida, diante da qual a história dominante torna-se obsoleta. White recorre novamente às ideias de Bruner de que o processo de contar nossas vivências estrutura, organiza, dá consistência e propósito aos acontecimentos da vida, de tal forma que [...] “nos convertemos nas autobiografias através das quais ‘contamos’ nossas vidas” (Bruner *apud* White & Epston, 1990, p. 127). Assim, conduzidas pelas perguntas do terapeuta, no narrar e re-narrar da experiência, as pessoas re-visitam suas histórias, lugares do vivido no tempo e no espaço, e reescrevem suas vidas e relações, caracterizando a prática narrativa como [...] “um instrumento de liberdade, e que tem proporcionado muita esperança às pessoas que, de outro modo, teriam se sentido perdidas na obscuridade da noite” (White & Epston, 1990, p. 217).

Contudo, a maior influência que considero de Bruner na prática da terapia narrativa vem da sua ideia de que

as histórias são compostas por dois cenários – o da ação e o da consciência (Bruner, 1986). O cenário da ação é composto pelos fatos – acontecimentos da vida, organizados em *sequências* particulares que se desenvolvem no tempo (passado, presente e futuro) de acordo com uma trama ou enredo específico. Sem alguma dessas dimensões, não podemos ter um relato. O cenário da consciência, por sua vez, refere-se às interpretações dos personagens que fazem parte da narração e às do leitor ao penetrar a consciência desses personagens ao ler o texto. Compreende, portanto, as significações que tanto os personagens como o leitor vão construindo ao refletirem sobre os acontecimentos e tramas, conforme são apresentados pelo cenário da ação. O cenário da consciência é constituído por percepções, noções, especulações e conclusões referentes a desejos e preferências dos personagens; características e qualidades pessoais; estados intencionais, tais como motivos e finalidades e das crenças e valores dos personagens. Os quatro itens que constituem o cenário da ação, quando se apresentam num texto de forma suficientemente clara, passam a configurar compromissos do personagem, determinando um estilo de vida com trajetórias.

Essas ideias e conceitos de Bruner estão integralmente presentes nas conversações da prática narrativa, especialmente nas de reautoria, embora não apenas nessas. O Mapa de Conversações de Reautoria, desenvolvido por Michael White, apresenta exatamente essa estrutura, mudando apenas a expressão cenário da consciência para cenário da identidade. Esta foi uma tentativa de evitar algumas compreensões equivocadas aos propósitos da terapia narrativa, sugeridos pela palavra consciência. O último livro de Michael

White (2007) apresenta vários exemplos de conversações de reautoria, em que Michael se valeu da construção de um mapa organizado em torno dos conceitos de Bruner sobre o panorama da identidade e o panorama da ação:

Mapa de conversações de reautoria

Fonte: White (2007)

Cenário da identidade (consciência)
 Compreensões intencionais
 Compreensões do que é dado como valor
 Compreensões internas
 Realizações
 Aprendizagens

História remota	História	distante
História recente	Presente	Futuro
	próximo	
Cenário da Ação		
	Eventos	
	Sequência	
	Tempo	
	Tema / Enredo	

Este mapa, familiar aos terapeutas narrativos, orienta a prática nos momentos de re-construção das narrativas em torno de acontecimentos singulares que podem oferecer novos argumentos para os temas das histórias sobre identidades e vidas. As perguntas do terapeuta sobre os itens do cenário da ação, nas suas distintas dimensões de tempo, promovem o surgimento de paisagens alternativas sobre acontecimentos ao longo da história, favorecendo que se conte de novo e permitindo historiar acontecimentos singulares, que não se encaixam na história dominante. Essas perguntas conduzem à construção de outras narrativas com novos panoramas de ação possíveis. Como con-

sequência, são apresentados outros eventos em distintas sequências e em diferentes possibilidades de tempo, e organizados novos argumentos, em enredos alternativos sobre acontecimentos, tornando as histórias cada vez mais ricas.

Uma vez descoberto um acontecimento extraordinário de reconhecida importância para a pessoa em terapia e descrito a partir das perguntas sobre o cenário da ação, perguntas sobre o cenário da identidade convidam a pessoa a refletir sobre esses acontecimentos e sobre os contextos de seu desenvolvimento. Isto pode ser feito tanto em relação à história recente como à mais distante. Essas perguntas ajudam a compreender a natureza de preferências e desejos, das qualidades pessoais e das relações; dos motivos e dos valores; dos estados intencionais; das crenças; da natureza dos propósitos da pessoa. A articulação dos elementos presentes no relato, que vai sendo construída a partir dessas perguntas, favorece uma revisão dos compromissos pessoais e propósitos na vida. Esse trânsito do terapeuta entre os dois panoramas, num zigue-zague contínuo em busca de sentido para os acontecimentos especiais presentes no novo relato, favorece que crenças e desejos das pessoas sejam narrados de forma organizada e coerente, de tal forma que possam ser compreendidos como empenhos pessoais, estilos de vida ou disposições pessoais (White, 1991).

Essa prática de conversação de reautoria, organizada ao se transitar entre esses dois panoramas, permite resgatar do fundo indiferenciado da experiência vivida figuras que constroem novas narrativas. Estas se apresentam geralmente tão marcantes, que é como se a vida fosse contada de novo, com novos significados para os acontecimentos, novos conceitos a respeito da identi-

dade da pessoa e suas relações, novos modos de vida e novos pensamentos incorporados (White, 1991, 2007; Grandesso, 2006).

A presença de Lev Vygotsky

Ao fazermos uma leitura cuidadosa do trabalho de Michael White, podemos reconhecer em vários momentos a presença do psicólogo do desenvolvimento russo Lev Vygotsky, especialmente, mas não só, no seu trabalho com famílias com crianças. Expressões tais como "distanciamento", "andaime", "colaboração social", "agência pessoal" são reconhecidas pelo próprio Michael White como invocando o pensamento de Vygotsky (White, 2006). Michael considera que suas explorações terapêuticas têm-se afinado com as ideias de Vygotsky sobre aprendizagem e desenvolvimento. Afirma também que elas são úteis para a compreensão dos processos de mudança terapêutica, ajudando a destacar o que é significativo nas práticas da terapia narrativa, além da favorecer o seu desenvolvimento. Passo a considerar a seguir algumas das ideias de Vygotsky, num recorte feito pelo próprio Michael White (2006), que ajudam a compreender e realizar as práticas narrativas.

Diferentemente de outros teóricos que consideravam que o desenvolvimento precedia a aprendizagem, Vygotsky (1996) afirmou que o desenvolvimento decorre da aprendizagem. Além disso, para esse teórico a aprendizagem pressupõe a colaboração social de cuidadores e pares com conhecimento mais sofisticado, não acontecendo, portanto, como um esforço independente. A participação social dos outros estrutura a aprendizagem da criança, possibilitando

que ela possa mover-se do que ela já sabe e faz independentemente, ou seja, do que lhe é conhecido e familiar em suas realizações de rotina, para o que lhe é possível conhecer e realizar com a colaboração de outras pessoas. Vygotsky compreende esse movimento como uma zona de aprendizagem, a qual denomina de “zona de desenvolvimento proximal”, definida como a distância entre o que a criança já pode conhecer e alcançar por si e o que ela pode conhecer e alcançar com a colaboração de outras pessoas. A travessia nessa zona exige que a criança se distancie da experiência imediata, e só pode acontecer com a colaboração de outras pessoas que a ajudem a quebrar essa tarefa em passos manejáveis. Essa participação social de outras pessoas constrói o *andaime* para a criança transitar com sucesso na zona de desenvolvimento proximal. Movimentando-se pelos andaimes socialmente construídos, a criança pode estender sua mente e alimentar sua imaginação, realizando com sucesso as tarefas de aprendizagem que, de outra forma, a levariam a falhas e exaustão. Através de um distanciamento progressivo e crescente do que é conhecido e familiar e da experiência imediata, a criança pode construir cadeias de associações, estabelecendo vínculos e relações entre objetos e eventos de seu mundo, dessa maneira desenvolvendo o pensamento complexo, responsável pela construção de conceitos sobre a vida e a identidade.

O desenvolvimento de conceitos oferece as bases para as pessoas regular suas vidas, interferindo propositalmente sobre suas ações, intervindo na sua vida, organizando o curso dos eventos e resolvendo seus problemas. Ações responsáveis e autônomas são compreendidas, de acordo com essa visão, como fundadas na colaboração

social. Michael White compreende essa auto-regulação como “agência pessoal” (White, 2006). Embora Vygotsky tenha detido sua atenção sobre as práticas educacionais que favoreciam o desenvolvimento de crianças no início da infância, Michael White considera que essas ideias ajudam a compreender a aprendizagem e o desenvolvimento em todos os estágios e idades, sendo também úteis para compreender as práticas terapêuticas efetivas e seu desenvolvimento posterior. Para ele, quando as famílias procuram terapia, movidas por situações difíceis e preocupações, encontram-se em meio à contínua reprodução do que lhes é conhecido e familiar, engajando-se em ações afinadas com suas conclusões e conhecimentos familiares sobre suas vidas, identidades e relacionamentos. Michael White usa também a expressão “zona de desenvolvimento proximal” para referir-se à lacuna entre o que é conhecido e familiar e o que é possível para a pessoa conhecer e fazer. Da mesma forma que a teoria de desenvolvimento de Vygotsky, Michael White considera que a pessoa em terapia não pode atravessar essa distância sozinha. Para isso, ela necessita dos andaimes construídos pelo terapeuta durante a conversação, também podendo contar com a ajuda de outras pessoas presentes no encontro terapêutico. Os andaimes construídos na conversação com o terapeuta permitem à pessoa dar passos bem-sucedidos para transitar do que é conhecido e familiar para o que é possível de conhecer e realizar.

Michael White reconhece as ideias de Vygotsky no seu mapa de “conversações de andaimes”, estruturadas em cinco níveis de investigação:

- tarefas de distanciamento de nível baixo, encorajando as pessoas a localizar objetos e eventos no seu mundo;

- tarefas de distanciamento de nível médio, convidando as pessoas a estabelecerem vínculos e associações entre objetos e eventos de seu mundo, através de cadeias de associações;
- tarefas de distanciamento de nível médio alto, convidando as pessoas a refletirem sobre essas cadeias de associações e tirarem conclusões sobre suas realizações e aprendizagens;
- tarefas de distanciamento de nível alto, ajudando as pessoas a abstraírem as circunstâncias imediatas e formularem conceitos sobre a vida e identidade;
- tarefas de distanciamento de nível muito alto, incentivando as pessoas a formularem previsões sobre o resultado de ações fundadas sobre esses conceitos e encorajando-as a pensarem em planos para realizar essas ações.

Ilustrações dessas “conversações andaime” são apresentadas em várias obras de Michael White (2006; 2007), organizadas do ponto de vista de diagrama através do mapa apresentado a seguir. Para ele, cumpre ao terapeuta reconhecer e honrar sua responsabilidade em construir andaimes para a família transitar pela zona de desenvolvimento proximal, distanciando-se de forma crescente e progressiva do que lhe é conhecido e familiar para o que lhe é possível de conhecer e fazer. Essa construção é particularmente engatilhada por respostas do tipo “eu não sei”, vindas das pessoas em terapia. Nessas ocasiões, o terapeuta pode valer-se da ação vertical de descer um nível no seu andaime, oferecendo às pessoas a possibilidade de refletir num terreno possível para posteriormente transportá-la para responder em níveis mais altos. Outra possibilidade diante desses momentos de fazer caminhar a conversação seria numa dimensão de ação horizontal, perma-

necendo no mesmo nível do andaime e pedindo a outras pessoas que desenvolvam suas respostas sobre as perguntas em questão. Se uma pessoa não pode responder a uma questão num nível de desenvolvimento, ao invés de considerá-la como resistente, sem motivação, incapaz de refletir, Michael White entende que o terapeuta está falhando na sua colaboração social para construir andaimes que permitam à pessoa em questão caminhar na sua zona de desenvolvimento proximal na direção de outros mundos possíveis entre aquilo que é possível de conhecer e fazer.

Mapa de conversações para construir andaimes

Possível de conhecer

Tarefas de nível de distanciamento muito alto: planos para ação

Tarefas de nível de distanciamento alto: aprendizagens e realizações

Tarefas de nível alto de distanciamento: reflexões sobre cadeias de associações, aprendizagens e realizações

Tarefas de nível médio de distanciamento: problema tomado em cadeia de associações

Tarefas de nível baixo de distanciamento: caracterizando o problema

Conhecido e familiar

Tempo em minutos

A presença de Gaston Bachelard

Michael White teve também como um interlocutor Gaston Bachelard, um filósofo da ciência. Foram úteis às práticas narrativas de Michael os escritos de Bachelard sobre as imagens dos sonhos e as poéticas da imagem, que Bachelard apresenta no livro *The poetics of space*, publicado em 1969. Embora considere úteis para a terapia em geral, esses conceitos inspiraram Michael nas perguntas que conformam a investigação que orienta a participação das testemunhas externas no desenvolvimento de histórias mais ricas para as pessoas em terapia. Michael White, depois de orientar a participação das pessoas como testemunhas externas para atentar para palavras e expressões que capturam sua atenção, pergunta-lhes, quando estas estão envolvidas nos relatos sobre o que viram e ouviram, sobre imagens, reverberações, ressonâncias e transporte. O conceito de que as narrativas estruturam as memórias, inspirado em Bachelard, compreende que o que lembramos são os incidentes que se encaixam nas narrativas que estão estruturando nossa vida no momento em questão (Dickerson & Zimmerman, 2001).

A presença de Barbara Myerhoff

Quando percorremos a obra de Michael White ao longo desses mais de 20 anos, podemos constatar que, além dos acima citados, muitos são seus interlocutores vindos de outros territórios disciplinares. Antropólogos como Edward Bruner e Clifford Geertz, sociólogos como Bourdieu, filósofos e psicólogos, como o teórico e prático da psicologia discursiva Ron Harré, os construcionistas sociais Ken Gergen e John Shotter, e mais outros tantos

interlocutores, como Irving Goffman, Burke, V. Turner, fazem do pensamento de Michael White um modelo de pensamento sem fronteiras. Sua escolha de interlocutores é muito mais guiada por uma coerência epistemológica e um posicionamento filosófico e ético, que por qualquer fronteira disciplinar. De Bourdieu, Michael capturou, dentre outras, a ideia de tornar exótico o doméstico, tão bem aproveitada na sua postura de terapeuta, que realmente se deixava conduzir pela pessoa que atendia, que jamais dava por certo e sabido algo que não havia perguntado, colocando sempre a pessoa no centro das construções narrativas (White, 1991; White & Epston, 1990). De Geertz, Michael reconheceu a importância do conhecimento local, dos símbolos da cultura, e a ideia de histórias finas e histórias grossas, presentes nos seus conceitos de reautoria. E assim, no diálogo com tantos autores e disciplinas, Michael ampliou seu olhar, navegou por outros territórios e desenvolveu ideias coerentes e ricas, manifestas na criatividade de suas práticas. Contudo, optei por incluir aqui, do campo da antropologia, apenas Barbara Myerhoff pela inspiração que seu trabalho ofereceu a Michael White, especialmente na forma de trabalhar com as testemunhas externas e no uso de cerimônias de definição.

A antropóloga Barbara Myerhoff* desenvolveu, nos meados da década de 1970, um trabalho de campo com uma comunidade de judeus idosos que imigraram para a região de Venice, na Califórnia, próxima de Los Angeles. Deixar a Europa, a perda da família extensa no Holocausto, o envolvimento exclusivo no cuidado dos filhos tinham tornado esse grupo invisível aos olhos da comunidade mais ampla. Myerhoff descreve como esses judeus desenvolveram seu sentido de

* White (1997; 2007) refere-se especialmente às publicações de 1982 e 1986 (Myerhoff, 1982; 1986) as quais não consultei diretamente, mas incluo nas referências para conectar o leitor interessado. O que apresento aqui é produto da leitura que fiz nas duas obras citadas e outras mais de Michael White.

comunidade, enfrentando o isolamento e a extinção de suas tradições, inventando uma cultura em que suas histórias eram contadas e recontadas de forma vigorosa e enfática, de várias maneiras diante da comunidade maior (White, 1997; 2007; Payne, 2002). Diálogos prolongados, desfiles públicos de protesto contra algum acontecimento, expressões através de pintura e outras formas de representação caracterizaram o que Barbara Myerhoff chamou de *cerimônia de definição*. Essas cerimônias, que colocavam a comunidade maior como testemunha, deram a este grupo de imigrantes a oportunidade de ganhar visibilidade e obter reconhecimento, de modo que, ao tornarem públicos seus sonhos diante da comunidade e de estranhos, mudaram o sentido do mundo em que viviam (Payne, 2002).

Um aspecto importante do trabalho de Myerhoff destacado por White (White, 1995; 2007) foi a ênfase dada às testemunhas externas. Essas testemunhas, no seu entender, criaram o contexto para reconhecimento e legitimação da comunidade judia, contribuindo para que as pessoas que participavam das cerimônias de definição pudessem levar adiante suas demandas em relação às suas histórias e identidades. Ao tornarem públicas suas demandas, ganharam respeito e autoridade, e suas demandas foram amplificadas. Assim, puderam construir um antídoto contra os efeitos do isolamento, invisibilidade e conseqüente marginalidade. O narrar e o renarrar de suas histórias de reivindicação e reclamações de identidade diante das audiências emprestou um caráter "público e verdadeiro" (White, 1995, p. 178), permitindo às pessoas da comunidade um sentido de autenticidade.

Embora a inclusão de audiências em suas práticas de terapia, inicia-

do em 1980 na parceria com David Epston, tenha derivado de múltiplas fontes*, Michael White tributa ao trabalho de Barbara Myerhoff a sua principal compreensão da importância das audiências. White dedicou-se a explorar e desenvolver opções de convidar audiências para participarem de suas conversações terapêuticas e a estudar que espécies de respostas da audiência poderiam contribuir mais para o surgimento de histórias ricas sobre desenvolvimentos preferidos para as vidas e identidades. Na prática terapêutica de Michael White, as cerimônias de definição envolvem convidar audiências para reconhecer e legitimar as pessoas e suas reivindicações de identidade através de suas histórias. Familiares, amigos, outros profissionais, ex-clientes, enfim, pessoas convidadas e devidamente preparadas para ocuparem o lugar de testemunhas externas oferecem oportunidade para as pessoas em terapia tornarem-se visíveis em suas realizações, qualidades pessoais, valores, aspirações e projetos pessoais. Narrar suas histórias, ouvir suas histórias renarradas a partir de aspectos significativos que tocaram as testemunhas externas, renarrar a sua história renarrada por outros naquilo que se destacou ao ouvir a re-narrativa favorece um sentido de autenticidade, diante de si mesmas e aos olhos dessa audiência presente como ouvinte numa escuta respeitosa e sem julgamentos.

Embora não esteja nos propósitos deste artigo descrever as práticas narrativas, especialmente em relação ao uso de testemunhas externas e cerimônias de definição, considero importante destacar a postura cuidadosa e a coerência com seus princípios éticos, envolvidos no preparo que Michael White faz para incluir outra pessoa como testemunha externa nas conver-

* White (2007) menciona pelo menos mais quatro contextos inspiradores do uso de testemunhas externas: 1. o trabalho com crianças, nos quais as audiências eram naturalmente recrutadas pelas próprias crianças, mostrando seus certificados ganhos ao término de suas terapias; 2. a metáfora narrativa que enfatiza a presença dos outros e dos relacionamentos significativos como coautores das histórias pessoais; 3. as normas da cultura socialmente construídas, explícita ou canonicamente veiculadas e 4. o trabalho de Tom Andersen com as equipes reflexivas.

sações terapêuticas (White, 2007, p. 189-192). Antes de ser incluída como testemunha externa, a pessoa deve necessariamente ser aceita pelo cliente. Em segundo lugar, Michael White conversa com a possível testemunha externa, explicando-lhe a natureza de sua participação: tomar parte numa tradição de reconhecimento importante para o desenvolvimento de histórias mais ricas e preferidas para a pessoa em terapia. Faz também parte desse preparo explicar as 4 etapas da cerimônia de definição na terapia narrativa: (1) o narrar de sua história pela pessoa em terapia, entrevistada pelo terapeuta; (2) o renarrar da testemunha a partir do que ouviu e das perguntas do terapeuta; (3) o renarrar do renarrar da pessoa no centro da experiência, também a partir das perguntas do terapeuta; e (4) a finalização. Além disso, o renarrar da testemunha envolve um deixar-se pessoalmente tocar pelo que ouviu e que atraiu sua atenção. Não se trata, portanto, de interpretar, teorizar, avaliar, muito menos de dar conselhos, impor sua opinião ou julgar. Portanto, a testemunha é esclarecida que está participando de uma conversação na qual vai se envolver pessoalmente, conforme contextualiza sua renarrativa, conforme foi tocada pela história da pessoa e se envolveu em imagens, metáforas e ressonâncias do que ouviu sobre sua própria história. A testemunha é convidada a falar de forma pessoal, dizendo da sua compreensão do porquê foi atraída por determinado aspecto da história. Outra questão importantíssima nesse preparo diz respeito ao lugar de responsabilidade e posicionamento ético do terapeuta. Michael White negocia com a pessoa para poder participar com perguntas a fim de organizar a conversação sempre que ela não estiver caminhando para o favorecimento de histórias mais ricas,

ou se estiver seguindo numa direção que contradiga os propósitos dessa cerimônia de legitimação e reconhecimento da pessoa em terapia. A finalização desse preparo, caso o convidado aceite participar da cerimônia, envolve a descrição cuidadosa das quatro categorias de perguntas que orientam e organizam a renarrativa da testemunha:

- foco sobre a *expressão* – ou seja, falar sobre palavras e expressões que mais tocaram ou chamaram a atenção da testemunha;
- foco sobre a *imagem* – ou seja, descrever imagens ou metáforas que lhe vieram à mente enquanto ouvia e especular sobre o que essas palavras e expressões e imagens e metáforas podem estar refletindo sobre propósitos, valores, crenças, esperanças, aspirações, sonhos e compromissos da pessoa;
- foco sobre as *ressonâncias* pessoais, compartilhando aspectos da sua própria vida que foram suscitados pelos itens anteriores;
- o foco sobre o *transporte* – ou seja, lugar para onde foi transportado por participar dessa conversação.

Enfim, essas considerações acima ilustram muito bem o respeito sempre presente no trabalho de Michael White, impecável na delicadeza e no cuidado para com todos os envolvidos. O significado daquilo que é dito é dado pelo ouvinte. Portanto, seria uma temeridade convidar pessoas para participarem de uma conversação terapêutica, deixando a conversação seguir um rumo aberto e entregue aos próprios processos de entendimento que se fizessem presentes. O cuidadoso preparo protege tanto a testemunha que veio para colaborar, e acaba se expondo pessoalmente, como a pessoa em terapia que confia sua intimidade muitas vezes a um estranho.

Michael White: a pessoa e o terapeuta

A grande admiração, respeito e reconhecimento pela pessoa e trabalho de Michael White não vêm apenas da coerência de suas ideias e princípios e da criatividade de sua prática. Muito além de tudo isso, destaca-se o entrelaçamento entre um pensar e fazer na sua prática da terapia narrativa, e sua postura diante das pessoas e da vida. O respeito pelo ser humano vem junto com a crença de que todas as pessoas, mesmo aquelas que parecem extremamente carentes de condições, têm dentro de si as possibilidades de transformar a existência em algo digno e viver em condições de justiça, respeito, equidade e cidadania. Seus princípios teóricos e sua prática são colocados em ato na postura que desenvolveu sempre com as pessoas e comunidades que atendia e junto àquelas cuja identidade de terapeuta ajudou a construir, e nas formas comprometidas de levantar uma espécie de cruzada contra o poder que oprime e objetifica o ser humano.

Desde criança, Michael White construiu andaimes. Quando era menino, eles lhe serviram para expandir seus horizontes olhando mapas num globo, estendendo sua imaginação para além do conhecido e familiar para a perspectiva de que havia muitos outros horizontes a explorar e conhecer. Sua curiosidade por outros mundos contribuiu para desenvolver seu gosto por olhar mapas, que lhe permitiram transportar-se para outros lugares através da imaginação, indo do universo restrito em que sua família de classe trabalhadora podia transitar na época e as infinitas possibilidades que podia criar na imaginação. Suas histórias sobre seu interesse por mapas (White, 2007) resgatam cenas da infância e, em especial, de seus 13 anos, descrevendo seu deslumbramento pelos mundos

nunca imaginados, expandido suas histórias para além do conhecido e familiar para o que pôde cada vez mais intensamente conhecer. Enfim, os mapas narrativos têm sua história mesclada com a própria história de Michael. A mesma crença na existência de mundos possíveis, surpreendentes e deslumbrantes, manifesta-se ao longo do trabalho de Michael em relação ao mundo humano: um universo de possibilidades no qual ele sempre acreditou existirem bonitas, emocionantes e admiráveis histórias de competências, mesmo naquelas vidas que parecem restritas e monotemáticas.

Contar e ouvir histórias também construiu o cotidiano de Michael White, incorporados à vida familiar. Um terapeuta especialmente criativo no seu trabalho com crianças, em que experimentava uma intensa alegria, considerava que sua habilidade começou desde a sua infância, quando contava histórias para sua irmã caçula, Julie. Mais que atribuir sua conexão com crianças às teorias de desenvolvimento ou leitura de textos de trabalhos específicos, Michael associa suas habilidades e qualidades terapêuticas nesses contextos à sua relação com Julie, para quem criava histórias da "Ratinha Detetive" e à sua filha Penny, que mais tarde na vida, diante dele como pai, fez com que Michael resgatasse as histórias que construiu ainda como menino. Para ele, Julie e Penny são coautoras de seus conhecimentos e práticas terapêuticas com crianças (White, 1997). Reconhecer a presença das duas no desenvolvimento de suas habilidades constitui uma espécie de reassociação (*re-membering*), que permitiu a Michael considerar sua história enquanto terapeuta, uma narrativa mais ricamente descrita.

A pessoa e o terapeuta estão amalgamados em todo o trabalho de Mi-

chael. Para ele, a interação terapêutica é uma via de duas mãos. Construída na reciprocidade, num encontro terapêutico, no narrar e renarrar das histórias, todos os envolvidos, inclusive o terapeuta, mudam. Extremamente enfático sobre a responsabilidade que temos sobre nossas escolhas enquanto terapeutas, Michael considera que os encontros com as pessoas que atendemos nos incitam a confrontar as opções de continuidade e descontinuidade das versões que recebemos ao longo da vida, que organizam nossos princípios e valores. Ele afirma que temos de honrar os convites que as pessoas nos fazem para mudarmos com elas e sermos agentes de desafio e denúncias das injustiças do mundo. Isso exige uma atitude crítica e reflexiva sobre nossa prática clínica, guiada pela responsabilidade de constantemente avaliarmos os efeitos reais que as histórias alternativas construídas no contexto da terapia têm sobre a vida das pessoas.

A presença de Michael White em nós, terapeutas

O que ele nos deixa? Um enfoque ou seria uma visão de mundo? Seria uma epistemologia da clínica, uma filosofia ou um compromisso social? Uma política ou uma ética? Qualquer que seja o recorte escolhido, Michael White deixa-nos uma obra ímpar em que teoria e prática se misturam com a pessoa de um terapeuta sensível que vivia o que pregava, ou nos dizeres de Shotter, habitava o que dizia. Um ano antes de sua morte, brindou-nos com um presente – o livro *Maps of narrative practice*. Para escrever esse livro, Michael revisitou seu trabalho ao longo de mais de 20 anos, organizou conceitos e estruturou sua prática, indo além com seus mais recentes

desenvolvimentos. Esse livro apresenta uma espécie de bastidores ao longo dos anos, em que Michael White abre a intimidade das descobertas e decisões ao longo do caminho, ajudando-nos a compreender como foi que chegou onde chegou e o ausente mas implícito, em cada conceito que adotou e cada prática que desenvolveu. Não é por falta de publicações que não poderíamos seguir suas ideias e práticas.

Contudo, como manter viva na nossa prática de terapia a presença de Michael White? Mais do que seguir seu modelo, colocar em ato as práticas narrativas, incorporar a presença de Michael White na terapia que fazemos, implica viver coerentemente com os valores, crenças e princípios que dão sentido e sustentação para essa abordagem. O posicionamento crítico contra qualquer forma de poder que oprime e subjuga, a humildade de ocupar uma posição de descentramento, a crença que todas as pessoas têm verdadeiros tesouros, seus saberes construídos na práxis do viver, na sua própria história. Enxergar o que há de belo e estético em cada pessoa e que pessoas são surpreendentes quando olhadas e escutadas com genuíno interesse e curiosidade, podem ajudar a manter vivos os valores que Michael colocou em ato com sabedoria, coerência e muita emoção.

Portanto, em vez de dizermos adeus a Michael White, conforme ele mesmo nos ensinou ao lidar com histórias de tristeza e dor de vivências de luto, podemos dizer "Olá, Michael!". Parte de nossas narrativas de identidade como pessoas e terapeutas, membro do clube de nossas vidas, Michael estará presente todas as vezes que nos indignarmos contra as injustiças sociais, que nos posicionarmos contra os abusos de poder, contra as práticas de subjugação das identidades e vidas. Certamente, nessas ocasiões, podere-

mos reassociar sua presença e influência e ouvir sua voz. Sua voz em nossas práticas e mentes também poderá ser invocada para tornar presente a chama da esperança e a crença de que novos e preferidos mundos serão sempre possíveis à luz das histórias preferidas e extraordinárias que toda pessoa tem. Resta-nos apenas construir andaimes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATESON, G.** (1972). *Steps to an ecology of mind*. Nova York: Ballantine Books.
- BATESON, G.** (1979). *Mind and nature: a necessary unity*. Nova York: Dutton.
- BRUNER, J.** (1996). *Actual minds, possible worlds*. Cambridge: Harvard University Press.
- CAREY, M., WALTHER, S., RUSSEL, S.** (2009). Absent but Implicit: A Map to Support Therapeutic Enquiry. *Family Process*, 48: 319-341.
- DICKERSON, V.C., ZIMMERMAN, J.L.** (2001). Un enfoque narrativo para la terapia de familias con adolescentes. In S. FRIEDMAN (comp.) *El nuevo lenguaje del cambio: la colaboración constructiva en psicoterapia*. Barcelona: Gedisa.
- DREWERY, W., WINSLADE, J.** (1997). The theoretical story of narrative therapy. In G. Monk, J. Winslade, K. Crockett & D. Epston (Eds.), *Narrative therapy in practice: the archaeology of hope*. San Francisco: Jossey-Bass publishers.
- GRANDESSO, M.** (2001) e (2007)a. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- GRANDESSO, M.A.** (2006). Família e narrativas: histórias, histórias e mais histórias. In C. M. O. Cerveny (org.). *Família e*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MONK, G., GEHART, D.R.** (2003). Sociopolitical activist or conversational partner? Distinguishing the position of the therapist in narrative and collaborative therapies. *Family Process*, 42: 19-30.
- MYERHOFF, B.** (1982). Life history among the elderly: performance, visibility, and remembering. In J. Ruby (Ed.). *A crack in the mirror: reflexive perspective in anthropology*, (pp. 99-117). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- MYERHOFF, B.** (1986). Life not death in Venice: its second life. In V. Turner, E. Bruner (Eds.), *The anthropology of experience*. (pp. 261-286). Chicago: University of Illinois Press.
- PAYNE, M.** (2002). *Terapia Narrativa*. Barcelona: Paidós.
- VYGOTSKY, L.** (1996). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- WHITE, M.** (1984). Pseudo-encopresis: from avalanche to victory, from vicious to virtuous cycles. *Family Systems Medicine*, 2: 2.
- WHITE, M.** (1986a). Negative explanation, restraint and double description: a template for family therapy. *Family Process*, 25: 2.
- WHITE, M.** (1986b). Anorexia nervosa: a cybernetic perspective. In J. Elka-Harkaway (Orgs.) *Eating disorders and family therapy*. Nova York: Aspen.
- WHITE, M.** (1986c). Family escape from trouble. *Case Studies*, 1: 1.
- WHITE, M.** (1987). Family therapy and schizophrenia: addressing the "in the corner life-style". *Dulwich Centre Newsletter*.
- WHITE, M.** (1988) Saying hullo again: the incorporation of the lost relationship in the resolution of grief. *Dulwich Centre Newsletter*, 7-11.
- WHITE, M.** (1991). Deconstruction and therapy. *Dulwich Centre Newsletter*, 3, 21-40.

- WHITE, M.** (1995). *Re-authoring lives: interviews & essays*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- WHITE, M.** (1997). *Narratives of therapists' lives*. Adelaide: Dulwich Centre publications.
- WHITE, M.** (2006). Narrative practice with families with children: externalizing conversations revisited. In M. White, A. Morgan (Eds.) *Narrative therapy with children and their families*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- WHITE, M.** (2007). *Maps of narrative practice*. Nova York: W. W. Norton & Company.
- WHITE, M., EPSTON, D.** (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. Nova York: W. W. Norton & Co.